

O CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO NA PESQUISA COM JOVENS DA PERIFERIA DE MARACANAÚ-CE

THE BIOGRAPHICAL REFLECTIVE CIRCLE IN THE RESEARCH WITH YOUNG PEOPLE OF THE MARACANAÚ-CE PERIPHERY

EL CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO EN LA INVESTIGACIÓN CON JÓVENES DE LA PERIFERÍA DE MARACANAÚ-CE

Ercília Maria Braga de Olinda¹
bragadeolinda@yahoo.com.br

Elismária Catariana Barros Pinto²
cattybarros@hotmail.com

RESUMO

Apresentamos as origens, fontes inspiradoras, fundamentos teóricos e a dinâmica de um dispositivo de pesquisa e de formação intitulado Círculo Reflexivo Biográfico, demonstrando sua fecundidade no processo de biografização desenvolvido com oito jovens de Maracanaú-CE. Como produto final da tessitura coletiva e dialógica realizada ao longo de oito encontros, foram produzidas histórias de vida. As questões norteadoras foram: Como os projetos e ações governamentais, na esfera municipal, têm repercutido na vida de jovens em situação de risco e vulnerabilidade social? Que pessoas, grupos, instituições e processos colaboraram ao longo de suas trajetórias no processo de resiliência? A análise do *corpus* foi feita com base no processo auto-organizador da Análise Textual Discursiva, demonstrando a força dos tutores de resiliência advindos da família e de grupos religiosos e o quase silenciamento em reação aos programas oficiais, eivados de lacunas e descontinuidades.

PALAVRAS-CHAVE: CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO; JUVENTUDE; VULNERABILIDADE SOCIAL; RESILIÊNCIA.

ABSTRACT

We present the origins, inspiring sources, theoretical foundations and the dynamics of a research and training device entitled Reflexive Biographical Circle, demonstrating its fecundity in the process of biography developed with eight young people from Maracanaú-CE. As a final product of the collective and dialogical fabrication carried out over eight meetings, life stories were produced. The guiding questions were: How have governmental projects and actions at the municipal level impacted on the lives of young people under risk and social vulnerability? What individuals, groups,

¹ Universidade Federal do Ceará

² Universidade Federal do Ceará

institutions, and processes have collaborated along their trajectories in the process of resilience? The analysis of the *corpus* was made based on the self-organizing process of Discursive Textual Analysis, demonstrating the strength of the resilience tutors from the family and religious groups, and the quasi-silencing in reaction to the official programs, fraught with gaps and discontinuities.

KEY WORDS: REFLECTIVE BIOGRAPHICAL CIRCLE; YOUTH; SOCIAL VULNERABILITY; RESILIENCE.

RESUMEN

En el proceso de biografización desarrollado con ocho jóvenes, de Maracanaú-CE, presentamos los orígenes, fuentes inspiradoras, fundamentos teóricos y la dinámica de un dispositivo de investigación y de formación titulado Círculo Reflexivo Biográfico, demostrando su fecundidad en el proceso de biografización desarrollado con ocho jóvenes de Maracanaú-CE. Como producto final de la tesitura colectiva y dialógica realizada a lo largo de ocho encuentros, se produjeron historias de vida. Las cuestiones orientadoras fueron: ¿Cómo los proyectos y acciones gubernamentales, en la esfera municipal, han repercutido en la vida de jóvenes en situación de riesgo y vulnerabilidad social? ¿Qué personas, grupos, instituciones y procesos colaboraron a lo largo de sus trayectorias en el proceso de resiliencia? El análisis del *corpus* fue hecho con base en el proceso auto-organizador del Análisis Textual Discursivo demostrando la fuerza de los tutores de resiliencia provenientes de la familia y de grupos religiosos y el casi silenciamiento en reacción a los programas oficiales, evitados de lagunas y discontinuidades.

PALABRAS CLAVE: CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO; LA JUVENTUD; VULNERABILIDAD SOCIAL; RESILIENCIA.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem um duplo objetivo: apresentar, no nível teórico, o Círculo Reflexivo Biográfico - CRB (OLINDA, 2010 e 2018; OLINDA e ARAÚJO, 2016) e, em seguida, no nível empírico, apresentar e refletir sobre o uso deste dispositivo de pesquisa e de formação no processo de biografização desenvolvido com oito jovens egressos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, realizado em um Centro de Referência de Assistência Social no município de Maracanaú, localizado na região metropolitana da capital cearense.

A biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008,83) refere-se “[...] ao processo segundo o qual os indivíduos constroem a figura narrativa de sua existência”. O produto final de tal processo é a escrita das histórias de vida de cada jovem em que se buscou

a “[...] construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, envolvendo um processo de expressão da experiência” (PINEAU e LE GRAND, 2012, 15).

O contato de dois anos com os jovens nos desafiou como pesquisadoras e educadoras populares, levando-nos às seguintes perguntas: Como os projetos e ações governamentais na esfera municipal têm repercutido na vida de jovens em situação de risco e vulnerabilidade social? Que pessoas, grupos, instituições e processos colaboraram ao longo de suas trajetórias no processo de resiliência?

Numa abordagem dialógica e permeada de afetos e implicações, buscamos interpretar as histórias de vida tecidas coletivamente com dois objetivos centrais: a) compreender como os jovens percebem os agentes e as instituições da rede de proteção criada para contribuir no enfrentamento das situações de risco e vulnerabilidade social a que estão submetidos; b) identificar pessoas, situações e processos que contribuíram para uma resposta resiliente, avaliando seu alcance e potência para a “reinstauração de um futuro” (CYRULNIK e CABRAL, 2015,19-35).

A partir da teorização sobre a relação entre narratividade e formação humana é possível fazer a ponte entre narrativas e processos resilientes. A fala, no ato narrativo, permite uma síntese integradora do sujeito que pensa, age e sente, potencializando processos restauradores da capacidade de planejar seu futuro. Resiliência é aqui entendida, na perspectiva da Psicologia Positiva, superadora de uma visão inatista e que, segundo Yunes (2003,76), envolve “processos que explicam a ‘superação’ de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações”. Esta abordagem nos leva a adotar “[...] uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais das motivações e das capacidades humanas” (YUNES, 2003,75). Tal visão adequa-se à perspectiva singular-plural por nós adotada e se concretiza na escuta sensível e no exercício do que Marinas (2007) intitula “palavra dada”. Tal expressão implica estabelecimento de vínculos dialógicos e duradouros entre quem narra e quem escuta.

Nossa proposta de realizar uma escuta sensível das histórias de vida, dos jovens de Maracanaú, se une à de reconhecer a especificidade de um segmento urbano e periférico muitas vezes invisibilizado ou que aparece, principalmente, como “problema social”. Corajosamente, os jovens aceitaram o convite para vivenciar um processo de reflexão biográfica, de forma coletiva, dialogada e implicada, que se mostrou um espaço/tempo propício para a ressignificação das experiências e para a compreensão de si e do outro, num exercício alteritário e integrador entre os tempos de vida individuais e coletivos.

Percebemos que há nos jovens uma urgência em desvelar-se e reinventar-se: “eu caçador de mim”. Tal procura parece ser a mesma discutida por Freire (2005) como “vocaçãõ ontológica” dos seres humanos: o de “ser mais”. A cada nova incursão interior, mais intensa se fazia a inquietação por saber mais. Já que “ao se instalarem

na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas”. (FREIRE, 2005,31)

Nessa direção, a biografização proposta de modo grupal coaduna com o que Passeggi (2011) defende ao afirmar que o processo de reflexão biográfica em grupos, “situa o coletivo no centro de uma prática individual e o indivíduo no seio de uma prática coletiva, em que se alternam a escrita de si (autobiografia) e a compreensão de si pela história do outro (heterobiografia).” (PASSEGGI, 2011,153). Compreender-se no mundo, a partir da escrita de si e compreendendo a história do outro, é também buscar a significação de sua condição e a efetivação pela vocação do *ser mais*.

Para a autora, a formação, quando adotada sob a ótica reflexiva sobre a experiência de vida, não deve ser entendida como uma “(trans)formação sem crises”, adotando ao contrário, na perspectiva dialética, uma dimensão histórica, que rompe com o princípio de aperfeiçoamento linear, preconizado desde o iluminismo: “Do ponto de vista psicológico da construção da subjetividade, as escritas autobiográficas mostram justamente à pessoa que narra essa descontinuidade, as rupturas, a imprevisibilidade, o fortuito e o papel das contingências como aspectos determinantes da experiência humana (PASSEGGI, 2011,154).

A experiência humana, tão complexa e imprevisível, resulta em aprendizados e em memórias. Construir sua narrativa autobiográfica é buscar uma ordenação dos fios emaranhados, a fim de tecer uma trama que toma forma, acabamentos, texturas e cores. O impulso para a ação de biografar-se é o sentimento que considera o fio que virá, melhor do que o que já foi. Um vir a ser, com mais possibilidades de mudanças, novas experiências e crescimento. Mas, tecer também requer recuos e pausas, pois os fios podem não estar prontos para atravessar a cala³. Ernst Bloch (2005) fala do princípio que rege esta ação de acreditar em algo melhor, que entrelaça os tempos presente, passado e futuro, e impulsiona a continuar a tessitura.

O curso dos acontecimentos da vida de muitos jovens das periferias urbanas tem sido permeado por diversas situações de não garantia/aceso a direitos básicos, colocando-os em situações de vulnerabilidade, como a insuficiência de renda, desemprego, insegurança alimentar; e de sérios riscos, como a violência letal e o uso abusivo de drogas. A realidade de banalização da violência e da fragilidade de vínculos expõe muitos jovens à sentimentos como a desesperança em uma mudança possível. Porém, temos constatado, este sentimento não é generalizado nas comunidades periféricas. Os jovens que fizeram parte do CRB demonstraram que a esperança é um princípio que faz parte de seu cotidiano e tem sido combustível para tecer uma nova

³ Abertura entre os fios ímpares e pares da urdidura, por onde passa a trama do tecido.

configuração da trama da vida. A biografização proposta buscou, também, desvelar este e outros princípios que conduzem à direção dos fios tecidos.

Com a consciência da complexidade da realidade investigada e da necessidade de enveredar por caminhos dialógicos que permitissem a compreensão de significados e sentidos inscritos nas experiências narradas, elegemos, no universo da investigação qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica em educação. A via da narrativa mostrou-se uma forma privilegiada de acesso aos modos de vida juvenis e aos processos de (re)invenção de si.

Tratamos de narrativas juvenis, o que nos leva a refletir sobre a categoria sociológica “juventude” e nas diferentes juventudes a se manifestarem fenomenicamente. Do ponto de vista legal, a sociedade brasileira possui normativas sobre as correspondentes fases da vida a indicar os sujeitos de direito, tendo como base a faixa etária correspondente. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069/1990), em seu Artigo 2º, preconiza: “Considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”; para o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013) “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”; já o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741) é “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Porém, adotar apenas a definição etária entre as fases da vida é assumir uma noção reducionista diante da complexidade e diversidade reveladas na vida concreta.

Para Groppo (2004) essa noção do direito que define/interpreta práticas sociais e do imaginário coletivo, dividindo a transição da infância à maturidade em adolescência e juventude, e delimitando idades para caracterizar as fases da vida de modo homogêneo, ainda que colabore “potencialmente para aumentar o grau de civilidade e bem-estar de indivíduos e coletividades, deixa de lado muito da complexidade e diversidade assumidas pela condição juvenil” (GROPPO, 2004, 9).

A ideia disseminada de que existe uma única juventude, desenvolvida de forma homogênea, sem considerar uma perspectiva histórica e as desigualdades sociais, é inadequada pelas rotulações e pelo ocultamento das injustiças sociais. Concordamos com Adorno (2001, p.17) quando destaca que não existem apenas aspectos biológicos ou corporais na transição para a fase adulta “[...] pois quem desenha e determina o contorno e a característica desse processo é a sociedade, os costumes, os conflitos de cada época e de cada local em que o jovem cresça”.

Os estudos da história social de jovens (ADORNO, 2001; GROppo, 2004) revelam que a juventude, a infância, a idade adulta e a velhice passaram a ser demarcadas desde a Revolução Industrial e o Iluminismo, a partir de meados do século XVIII. Desde esse período até o século XX, a visibilidade da juventude tornou-

se ainda maior, e a preocupação com a “delinquência” e/ou “promiscuidade” juvenil dos filhos das classes trabalhadoras se acentuou. Com a urbanização e industrialização se estendendo pela Europa, e em pouco tempo, para todo mundo, a questão da juventude “desregrada”, “viciada”, “promíscua”, “indisciplinada”, “delinquente”, transformou-se em uma questão social. Porém, os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial não ficavam claros para o senso comum e nem mesmo para as ciências. A relação entre o avanço do capitalismo industrial, dos problemas sociais daí decorrentes com a “questão da juventude”, não era o foco principal.

Grosso (2004) afirma que o “problema da juventude” suscitou definições de quando, afinal, começaria e terminaria esta fase da vida, a fim de subsidiar a ação do Estado e das instituições socializadoras. Portanto, delimitar, através dos anos de vida, quando começa e termina determinada fase, tornou-se o melhor critério para julgamento das ações individuais e a atribuição de deveres e direitos, dada sua universalidade e caráter quantitativo. Além de permitir “às ciências, principalmente no ponto de vista positivista, elucidar as pretensas determinações ‘naturais’, de caráter bio-psicológico, do desenvolvimento humano” (GROSSO, 2004,9).

Nessa perspectiva, a juventude é concebida como uma categoria unitária, com interesses comuns e características que se replicam. Para Pais (1990), sob essa ótica unitária, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável. “O fato de se falar dos jovens como uma “unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma faixa de idade constitui, já em si, uma evidente manipulação” (PAIS, 1990,140). Para o autor o grande desafio para a sociologia da juventude é explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos de jovens, mas, principalmente, as diferenças sociais existentes. Pais (1990) reflete sobre os “trânsitos” que a sociologia da juventude percorre entre duas tendências: i) a primeira assume a juventude como um conjunto social constituído por indivíduos que partilham uma dada “fase da vida”, e busca estudar os aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam este conjunto como uma cultura juvenil específica, homogênea, definida a partir de critérios etários; ii) a segunda toma a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, composto por diferentes culturas juvenis, em decorrência de advirem de diversas classes, diferentes situações socioeconômicas, interesses variados, oportunidades de trabalho desiguais etc.

Neste último sentido, o autor defende que seria de fato inadequado presumir que um conceito pudesse integrar sujeitos com características tão díspares. Desse modo, é necessário assumir a pluralidade do conceito e reconhecer que mesmo ao assumir o pluralismo das culturas juvenis, até certo ponto o conjunto de crenças, valores, símbolos e práticas que são compartilhados por um conjunto de jovens, tanto

podem ser inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser derivados ou assimilados (seja por gerações passadas, seja pelas trajetórias de classe e que estão inseridos).

Permanece o desafio de fugir dos equívocos semânticos e sociológicos ao definir a categoria juventude, e Pais (1990) nos impele a treinar uma nova ótica, que permita ver, através dos nomes das coisas, o valor semântico que aparece nas definições (ideias, conceitos, nomes). Assim, propõe que a juventude seja olhada em torno de dois eixos: como aparente unidade (quando referida à fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes características sociais que contribuem para distinguir os jovens uns dos outros). Considerando que quando falamos de jovens da zona rural e da zona urbana, jovens trabalhadores e jovens estudantes, jovens operários e jovens da classe média, jovens solteiros e jovens casados, se está falando de juventudes em sentido diferente do sentido de fase da vida. O sociólogo português conclama para um “radical ascetismo de vigilância epistemológica (PAIS,1990,149) nas aproximações científico-analíticas ao mundo das juventudes.

A juventude considerada apenas como fase da vida, reduzida a um intervalo de idades (anos de vida) e a fases associadas a processos de transição previsíveis, está obsoleta por desconsiderar a complexidade que está “embutida” na palavra e na busca por sua compreensão. Porém, ao se considerar a juventude como um processo, isto é, ao se considerar a juventude como uma sequência de “trajetórias biográficas” (PAIS, 1990) entre a infância e a idade adulta, devem se balizar duas ordens de acontecimentos distintos, mas, articulados entre si: os diferentes percursos que constituem uma trajetória individual (destacando as regularidades que refletem a história de determinadas estruturas sociais) e os acontecimentos históricos que compõem a evolução das estruturas sociais. O que leva, mais uma vez, a considerar que não se pode negar a diversidade da juventude, se forem analisados os percursos realizados nesta transição.

ORIGENS E FONTES INSPIRADORAS DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO

O dispositivo de pesquisa e de formação aqui tratado foi criado em 2008 pela primeira autora deste artigo, num esforço de articulação dos princípios e fundamentos da pesquisa (auto)biográfica em educação com a práxis emancipatória da educação popular na formação juvenil. Desde então, o Círculo Reflexivo Biográfico vem sendo aprimorado no Grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Três fontes teórico-metodológicas influenciaram sua concepção:

1) os grupos reflexivos com adultos coordenados por Josso; 2) a experiência de Delory-Momberger com os ateliês biográficos de projetos; e 3) a tradição freireana dos Círculos de Cultura. No seu desenvolvimento, incorporamos as contribuições da teoria da narratividade exposta por Paul Ricoeur em Tempo e Narrativa, além das elaborações de Passeggi sobre sujeito biográfico, reflexividade biográfica e as três dimensões da mediação biográfica - iniciática, maiêutica e hermenêutica.

Em Tempo e Narrativa, Ricoeur (2010) apresenta sua hipótese básica: “[...] o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOEUR, 2010, p.93). O filósofo tece os elos intermediários que articulam a correlação entre a análise de Santo Agostinho sobre o tempo, expressa nas Confissões, e a análise aristotélica da intriga elaborada na Poética. O empreendimento se propõe a ser a mediação entre experiência humana temporal e a narrativa. Num primeiro momento, e de uma maneira geral, sem distinguir narrativa histórica de narrativa ficcional, ele apresenta a “tríplice mimeses”, fases ao longo das quais acontece a construção da consciência histórica. Ou seja, pela mediação da narrativa dá-se a passagem de uma experiência temporal humana efetivamente vivida para a consciência da existência histórica. Nas suas palavras: “[...] é tarefa da hermenêutica reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se destaca do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim muda seu agir” (RICOEUR, 2010, 94-95), pois há uma preocupação em “[...] reconstruir todo o arco das operações mediante as quais a experiência prática dá a si mesmas obras, autores e leitores” (Id.).

Passeggi (2008,48) ajuda a compreender o significado de atividade mimética, retomada por Ricoeur de Aristóteles, mostrando que este conceito opõe-se a mimetismo – reprodução fiel de um modelo: “[...] *mimese* exclui a ideia de cópia, de idêntico, e se define como imitação ou representação de uma ação que se torna autônoma com relação ao modelo e o recria”.

Ao narrar, o sujeito integra eventos isolados numa totalidade inteligível e faz a síntese do heterogêneo, entre concordâncias e discordâncias. A configuração narrativa (*mimese* II) refigura (*mimese* III) a experiência pré-figurada (*mimese* I). A *mimese* II faz a mediação entre um antes do texto (campo prático) e o depois do texto (recepção da obra). O leitor é “[...] o operador por excelência que, por seu fazer – a ação de ler –, assume a unidade do percurso da *mimese* I à *mimese* III, através da *mimese* II” (RICOEUR, 2010). Tudo isso é muito esclarecedor sobre o rodízio de papéis a que o narrador que constrói sua história de vida com a mediação do pesquisador deve se envolver – narrador, escritor e leitor (JOSSO, 2010).

Na fase de pré-figuração (*mimese I*) há pressuposta uma visão de totalidade. Uma compreensão prévia do mundo da ação: “[...] de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal” (RICOEUR, 2010,96). Na elaboração da intriga há o que Ricoeur denomina de “agenciamento dos fatos”. Para Pineau e Le Grand (2012,100), há “[...] o encadeamento das frases de ação na ação total constitutiva da história narrada”, o que constitui a *mimese II* – fase de configuração da experiência vivida. Na *mimese III* a experiência é refigurada pelo ato de leitura.

Entendemos que o desenvolvimento exitoso de um CRB exige: domínio dos seus fundamentos teóricos; rigor metodológico; capacidade de escuta; sensibilidade; e criatividade. Sem a pregnância de uma “razão sensível”, de que nos fala Mafesolli (1998), e uma escuta, como pensada por Marinas (2007), as narrativas surgem estandardizadas ou orientadas por interesses institucionais ou, pior ainda, sem a devida implicação do narrador.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E DINÂMICA OPERACIONAL DO CRB

O Círculo Reflexivo Biográfico é um procedimento, mecanismo de pesquisa e de formação que visa garantir um processo de biografização nas seguintes modalidades: narrativas de vida; narrativas de formação; e narrativas da experiência religiosa. Em cada uma das modalidades são produzidos textos escritos denominados, respectivamente, da seguinte forma: história de vida; biografia educativa (DOMINICÈ, 1988) e narrativa da experiência religiosa.

Em Olinda (2017,238), há uma distinção entre vida vivida e vida narrada e entre narração e história de vida. A autora demonstra que esta não preexiste à narrativa e sua elaboração se dá numa relação intersubjetiva, onde há um trabalho do narrador para dar uma forma às suas experiências e um trabalho do pesquisador ao interpretar, em segunda mão, a narrativa tecida. Com Pineau (2006), encaramos as histórias de vida como uma das artes formadoras da existência.

Assim, cabe um esclarecimento quanto à terminologia usada para os produtos finais do CRB em cada uma das modalidades anteriormente referidas. Por que não manter uma única terminologia – a de histórias de vida? Consideramos que, ao deixar claro os objetivos de cada modalidade, também indicamos a amplitude da narrativa. Na primeira modalidade o narrador faz um trabalho sobre todos os aspectos da sua vida; na segunda, há um acento nos processos formativos vinculados à educação formal ou informal, mais ligados à dimensão profissional; e a terceira concentra-se em um tipo específico de experiência humana – a religiosa –, a envolver elementos, tais como: símbolos, rituais, doutrinas e vida comunitária. Na prática, assumimos a definição de Marinas (2007,52), para quem “[...] a história de vida se reserva à indagação do relato

de vida e de seus documentos, isto é, à totalidade da vida de quem fala desde que nasceu até o momento presente, e da escuta”. A seguir, passamos à apresentação da sistemática de funcionamento do CRB.

► **Presentificação** – envolve o ser na ação presente, atento ao seu despertar espiritual, cognitivo, corporal e afetivo. É um momento de preparação para um mergulho interior e para a abertura ao outro. Trata-se de estar atento a si mesmo e ao outro num exercício de escuta de si e da alteridade. Esse caminhar implica o aprendizado do respeito à diversidade e a sensibilização para a colaboração. É importante iniciar por um despertar corporal, podendo envolver exercícios respiratórios, alongamentos, canto ou dança. O desbloqueio de tensões, frutos de resistências psicológicas ou do *stress* cotidiano, inicia-se pelo corpo, pois é nele que se refletem, de modo visível e cognoscível, nossos sentimentos e emoções.

Além do coordenador/mediador e de um assistente, o grupo deve ser composto por, no máximo, 12 pessoas. Há a necessidade de, no mínimo, cinco encontros para completar todo o processo, pois há que se respeitar a seguinte dinâmica:

► No primeiro encontro o “acordo biográfico”, com a apresentação dos princípios operacionais do CRB e sua programação prévia, deve ser discutido e firmado entre os participantes;

► No segundo encontro deve ser realizado um trabalho de aproximação entre os membros do grupo de modo a prepará-los para o processo de narração de si que se seguirá. Várias linguagens podem ser utilizadas: oral, escrita, dança, pintura, escultura, confecção de mandalas etc;

► No terceiro encontro dá-se início às narrativas orais. Dependendo do número de participantes e da disponibilidade do grupo, pode ser feito de duas formas: cada um narra para o grupo todo ouvir ou as narrativas são feitas em pequenos grupos. As narrativas são orientadas por uma “pergunta disparadora” negociada no primeiro encontro e são gravadas pela narradora que a transcreverá em casa;

► No quarto encontro os participantes assumem o papel de leitores e em pequenos grupos vão receber sugestões para a versão final do texto. A este momento chamamos de “colaboração narrativa”;

► No quinto encontro realiza-se o momento de síntese integradora final em que há o uso da “metáfora da árvore”. Usamos o desenho de uma grande árvore, previamente desenhada pelos mediadoras ou pelos próprios participantes, com raízes, caule, copa frondosa e abóbada celeste. A partir do texto final produzido, as participantes selecionam o que consideram mais significativo para fazerem um balanço dos aprendizados experienciais realizados ao longo da vida. Elas recebem flores, folhas,

frutos e nuvens previamente recortadas em papel dupla face, registram por escrito e vão colando na árvore. Na raiz ficam as experiências fundamentais, aquelas sem as quais não seríamos quem somos; no tronco, as experiências significativas, aquelas que foram importantes no nosso processo formativo; na copa colam os aprendizados e as conquistas do percurso; na abóbada celeste colam seus sonhos, projetos e dúvidas.

Dependendo dos objetivos do CRB, do nível de envolvimento dos participantes e da disponibilidade de tempo, outros encontros poderão ocorrer, inclusive, encontros temáticos, para o aprofundamento de determinados aspectos centrais, tanto para o processo de pesquisa quanto para o de formação. Cada encontro é dividido em quatro momentos imbricados: acolhida; presentificação; biografização; e integração experiencial. Vejamos em que consiste cada um destes momentos:

► **Acolhida** – momento inicial para demonstrar que cada participante é importante. É um momento de amorização ou despertar afetivo, pois é importante estreitar os laços de amizade e de afeto para que haja confiança mútua. Cada membro dá sustentação ao outro, apoiando nas dificuldades e isso exige a alegria da partilha, propiciada pelo respeito mútuo e pela gentileza que deve circular no grupo.

► **Biografização** – a atividade biográfica propriamente dita, utiliza a oralidade (falar e ler), a escrita e a expressão artística. Nas diferentes etapas vividas enfrentamos o estranhamento de nós mesmos e do outro e provocamos deslocamentos ao experimentar diferentes papéis: narrar, ler, escrever, ouvir a escrita do outro e refazer sua escrita inicial. São alternâncias e/ou simultaneidades entre os papéis de ator, autor e leitor que inicia um processo de “[...] distanciamento indispensável para a objetivação de si, criando, assim, o espaço-tempo de uma reflexão intersubjetiva sobre o que constitui a subjetividade na construção da narrativa da sua história de vida, centrada na sua formação e na subjetividade e na busca de um saber-viver renovado” (JOSSO, 2004,152-153).

► **Integração experiencial** – Ao final de cada encontro realizamos uma dinâmica grupal para uma síntese integradora das experiências, além de avaliarmos os pontos altos e baixos de cada atividade, incluindo o desempenho do mediador e do assistente. No encontro final fazemos uma síntese e avaliação geral de todo o processo. Nesta integração experiencial utilizamos a metáfora da árvore, anteriormente detalhada. A síntese integradora final é um momento privilegiado para a compreensão da lógica, coerência e sentido dos discursos realizados com as narradoras, numa dinâmica que envolve simbolização e sistematização.

Para finalizar, destacamos a importância da utilização, em todos os momentos, de diferentes linguagens artísticas. A arte permite expressar uma gama de sentimentos

e de conhecimentos, além de ajudar na construção/articulação do sentido, que nunca é algo dado, mas tecido. Tal tessitura exige educação da sensibilidade e coragem para que cada sujeito construa sua história.

A seguir, apresentamos, mais sistematicamente, os fundamentos teóricos do CRB.

O DIÁLOGO COMO FUNDAMENTO E A NARRATIVA DAS EXPERIÊNCIAS NO CENTRO

O ato narrativo envolve o narrador, na sua integridade espiritual, corpórea, social, ética e política. Com a ajuda do outro, olha para seu percurso formativo e compreende como chegou a ser o que é e o que falta para ser mais. Alguém narra para outro sujeito atento e consciente de que as narrativas de si envolvem, antes de tudo, sensibilidade a exigir uma relação dialógica. O mediador do CRB não pode assumir um ar professoral, pois não se trata de perpetuar a lógica instrucional com a transmissão de padrões culturais previamente definidos como corretos, mas criar as condições para uma tessitura de si que, por sua vez, exige: integração de saberes e fazeres; articulações temporais; sínteses e projeções. Ao tornar as experiências vividas inteligíveis, o sujeito dá a si uma história, abrindo novos âmbitos formativos e propiciadores de novas ações. Ao longo do processo, as relações se estreitam e os narradores começam a se deixar atravessar pela verdade do outro, experimentando o diálogo. Em todo este processo desponta a categoria da “identidade narrativa”, elaborada por Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa* (Vol. III). Narrar sobre si leva à refiguração da própria vida num movimento incessante, pois a identidade narrativa não é fixa; ela é um “[...] rebento frágil, instável e lacunar” (RICOEUR, 2010a,422). Continuando com as palavras do filósofo: “[...] assim como é possível compor várias intrigas a respeito dos mesmos incidentes [...] assim também é possível tramar em sua própria vida intrigas diferentes, e até opostas [...] a identidade narrativa não para de se fazer e de se desfazer” (RICOEUR, 2010a,424).

A identidade narrativa, apresentando tanto problema como solução, permite o exame da própria existência no quadro da cultura em que a narradora encontra-se imersa, levando-a a uma experiência reflexiva permeada de vozes e de consequências éticas e autoformadoras. Com Barbosa (2003), defendo que a narrativa não é apenas um artifício imaginativo de representação da realidade, pois, na própria estrutura da experiência ordinária, a narrativa encontra sua possibilidade, ou seja, na experiência já se instauram significação e temporalidade. Há, assim, uma relação ontológica entre experiência e narrativa. “[...] A narrativa provém da experiência ao mesmo tempo que lhe dá forma” (BARBOSA, 2003,91).

O ato narrativo jamais totaliza a experiência, mas abre âmbitos possibilitadores de uma identidade narrativa, não fixa, conforme vimos anteriormente. A impossibilidade de totalização é o limite da narrativa em relação à experiência pessoal porque “[...] a configuração narrativa nunca assinala totalmente o conjunto da experiência. A fonte contínua que a experiência (originária) é para a experiência (pessoal) sempre se evade e escapa” (BARBOSA, 2003,91). Em síntese, na narrativa estão implicadas dimensões diversificadas: autopoieticas; crítico-reflexiva; éticas e performáticas. Toda narrativa está imersa no que Lejeune (2014) chama de “estética da verdade”. Não narramos episódios, eventos e aprendizados vividos e realizados por nós “tal qual aconteceram”. Num processo interpretativo a envolver um “triplo presente”, atualizamos as cenas passadas. A narrativa modifica aquilo que vivemos, fazendo apelos para a ação e (trans)formação de quem ouve e de quem narra.

Compreendemos que a via biográfica possibilita a passagem do vivido ao pensado, pela mediação da narrativa. Ainda com Delory-Momberger (2006, p. 363), encontramos argumentos para o potencial formativo da narrativa:

[...] É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos argumentos entre um começo e um fim e os atrai para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encadeamentos acabados; que compõe uma totalidade significativa em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada [...]. (DELORY_MOMBERGER, 2006, p.363)

Resta pensar como organizar as condições para que a narrativa flua num processo de reflexividade biográfica profunda. Quem é o narrador? Qual seu papel ao longo do processo e como deve se conduzir o formador/mediador/coordenador do grupo? É o que trataremos a seguir.

O SUJEITO BIOGRÁFICO E A MEDIAÇÃO BIOGRÁFICA

A partir da articulação temporal da tríplice *mimese* elaborada por Paul Ricoeur (2010) – prefiguração, configuração e refiguração –, temos um círculo hermenêutico a indicar o sentido configurador da narrativa, ao garantir, no primeiro momento, uma síntese do heterogêneo e, em seguida, seu sentido refigurador, ou seja, de possibilidade de ressignificação e articulação de sentido. A enunciação narrativa tem, assim, um caráter autopoietico (invenção de si) e performático (transformação de si), com consequências para uma tomada de consciência sobre o que somos, ou, ainda, como nos tornamos o que somos. Repito, com Delory-Momberger (2006,363), que “[...] é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim,

que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

As elaborações de Passeggi, em seu conjunto, apontam pistas para uma epistemologia do sujeito biográfico, capaz, pela reflexividade autobiográfica, de entrelaçar na trama narrativa as diferentes dimensões de si: razão/emoção; corpo/espírito; autonomização/assujeitamento; público/privado; padecer/empoderar-se. Ao pensar a formação de adulto em diferentes níveis e instâncias, ela faz uma pergunta fundamental para uma cultura que aprendeu a transformar os aprendentes em (a)lunos, ou seja, aqueles que não têm luz: “[...] qual é a concepção de sujeito que nos orienta no que denominamos de formação inicial, pós-graduada ou continuada?” (PASSEGGI, 2016,68). Na mesma trilha, podemos seguir indagando: como concebemos aqueles sujeitos que participam de nossas pesquisas?

Sabemos que a pesquisa científica, na modernidade, supervalorizou o sujeito do conhecimento – aquele capaz de abstrações e racionalizações, que foram fundamentais para a produção de um determinado tipo de conhecimento, comprometido com uma razão puramente instrumental, divorciada dos valores mais fundamentais da vida. O sujeito empírico, aquele de carne e osso, que tem um capital experiencial atravessado por sua própria humanidade e historicidade, este foi relegado. Mas este sujeito empírico, com todo seu potencial para construir sua própria história, ainda não é o sujeito biográfico, ou seja, o sujeito do autoconhecimento, capaz de aprender consigo mesmo, refletindo sobre suas experiências, ao mesmo tempo em que aprende com os outros e com as coisas, como sugeria Rousseau no grande tratado de educação *O Emílio*. O sujeito empírico, para recuperar sua integralidade de ser que pensa e age, precisa vivenciar processos de biografização que o coloque numa relação estimuladora da reflexividade autobiográfica, entendida como a “[...] probabilidade de o indivíduo (criança, jovem, adulto) voltar-se sobre si mesmo para tentar explicitar o que sente ou até mesmo perceber que fracassa nessa difícil tarefa de (re)elaboração da experiência vivida” (PASSEGGI, 2016,82). A religação do sujeito da experiência ao sujeito epistêmico se dá pelo processo de reflexão aprofundada a exigir a “mediação biográfica”. Nas palavras de Passeggi (2008, p. 44), esta noção diz respeito aos “[...] processos envolvidos no acompanhamento de um grupo de pessoas em formação que escrevem e trabalham sobre suas narrativas com a ajuda de um formador”.

Inspirada na tríplice *mimese* de Ricoeur e nas figuras antropológicas tipificadas por Josso (2010), a pesquisadora nordestina identifica três dimensões da mediação biográfica com grupos em formação: a iniciática, a maiêutica e a hermenêutica. Na primeira, correspondendo à *mimese* I, ocorre o início do processo de escrita de si, quando o narrador, por lutar para superar suas resistências psicológicas, sentindo-se

intimidado diante do desafio biográfico, se autointitula um herói e atribui ao formador a figura do ancião, aquele que tem sabedoria. Na segunda dimensão, o narrador já se apropriou da capacidade reflexiva e espera do formador o papel de animador, atribuindo a si o papel de artista. Na *mimese* III, o sujeito biográfico se afirma como sujeito do conhecimento e do autoconhecimento e, completando uma verdadeira travessia, vê a si mesmo como *expert* e ao formador como balseiro.

Claro está que esses momentos não são estanques. Tanto os narradores quanto o formador podem transitar nesses papéis em um jogo de idas e vindas próprio do processo de biografização. Também nos Círculos Reflexivos Biográficos que coordenamos percebemos a metáfora da viagem/travessia sendo utilizada e todo o processo de conquista daquele que não apenas narra, mas procura sua identidade narrativa, sempre em construção. No emaranhado das experiências humanas são muitos fios a trançar até que nos encontremos com toda nossa grandeza. A tortuosa tarefa de encontrar nossa identidade narrativa exige: enunciação, reflexão, interpretação e, sobretudo, muita coragem. O risco está sempre presente na experiência de caminhar para si mesmo. Larrosa (2004) já falava da raiz etimológica que está presente na palavra experiência a indicar perigo.

Também nós, no grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas, procuramos vivenciar um modelo de investimento dialógico. No CRB as atividades vivenciadas não apenas originam aportes cognitivos ou metacognitivos, mas procuram habitar o mundo da sensibilidade e da espiritualidade. Trata-se de pensar o desenvolvimento profissional no quadro mais amplo do desenvolvimento humano. Vivenciamos processos que procuram colaborar com construções identitárias reflexionadas e com subjetividades integradas.

Nosso esforço é o da superação de uma perspectiva positivista, que reserva ao biográfico apenas o lugar de rememoração, deixando de aproveitar todo o potencial heurístico e formador da narrativa. O processo de biografização não se encerra no ato da evocação, nem mesmo da reflexão, pois é necessário dar o passo seguinte – o da conscientização, compreendida não numa perspectiva idealista, mas na perspectiva freireana, que se vincula à construção do “inédito viável”.

O ciclo não se fecha nunca, pois nossas identidades não são fixas, como lembra Delory-Momberger (2006), o sujeito não para de se instituir. A elaboração a que o narrador chega ao final do CRB é provisória, pois a vida é feita de instabilidades e dinamismos, daí sua infinita beleza!

Dos fundamentos teóricos expostos anteriormente, é possível deduzir alguns princípios teóricos orientadores do CRB: 1) **o formativo** – pela reflexividade crítica,

é possível passar das vivências às experiências formadoras⁴; 2) o **dialógico** – seres abertos à transformação de si experimentam o diálogo na relação intersubjetiva vivenciada; 3) o **sociopolítico** – inseparabilidade entre processos identitários e dimensão societal; 4) o **antropológico** – discute a relação entre sujeito e narração, destacando a capacidade da linguagem como constitutivo do humano; 5) a **potência narrativa** – permite que o sujeito tenha uma história – síntese do heterogêneo; 6) o **princípio integrador** – como prática consciente e integral de educação de si.

Após tudo que foi exposto, pensamos o CRB como um tear, pois sua dinâmica permite uma tessitura em que coletivamente vivenciamos o poder configurador da narrativa, ou seja, o de dar forma e articular sentidos, ligando os acontecimentos da nossa existência. É um espaço/tempo para um trabalho “sobre si mesmo”, à medida que inscrevemos nossa história em esquemas temporais. Trata-se de uma prática consciente e integral de educação de si.

O DESENVOLVIMENTO DO CRB COM OS JOVENS

Três meses antes do efetivo desenvolvimento do Círculo Reflexivo Biográfico vivenciado no segundo semestre de 2018 totalizando 24 horas de atividades presenciais, realizamos, como fase exploratória da pesquisa, quatro encontros com duração, em média, de duas horas. A intenção era a formação da identidade grupal pelo desenvolvimento da confiança mútua e partilha de objetivos comuns. Nessa fase foi criado o Projeto Tear que entre outras atividades desenvolveria o processo de escrita de si no Círculo Reflexivo Biográfico.

Nos dois primeiros encontros da referida fase exploratória discutimos os objetivos e a dinâmica do Projeto Tear. Além de rodas de conversas realizamos as seguintes atividades: criamos, com um fio colorido, uma *teia*. A dinâmica consistiu em uma partilha sobre as expectativas acerca do grupo e os desejos que cada um trazia consigo e que gostaria de compartilhar com os demais. Ao final, fizemos a junção de todos os fios, fazendo um só ponto de interseção, numa analogia aos fios que se entrelaçam em diferentes temporalidades para constituir o tecido da nossa vida. Trabalhamos a ideia de que os entrecruzamentos temporais diziam respeito ao

4 De acordo com Josso (2010), as experiências formadoras não são apenas aquelas que fortalecem e reafirmam nossas certezas, mas, ao contrário, podem alimentar nossas incertezas, levando-nos a “desaprendizagens”, tão necessárias para nosso crescimento como pessoa e como profissionais. Para esta pioneira do movimento socioeducativo das histórias de vida em formação, “[...] a formação é experiencial ou então não é formação” (JOSSO, 2010, p. 48). No entanto, é preciso distinguir entre as experiências formadoras, aquelas que são existenciais, ou seja, “[...] que agitam as coerências de uma vida, e até mesmo os critérios desta coerência” e a aprendizagem pela experiência que “[...] transforma complexos comportamentais, afetivos ou psíquicos sem pôr em questão valorizações que orientam os compromissos da vida” (JOSSO, 2010,48).

passado, presente e futuro de cada um dos participantes, mas, não necessariamente deveria seguir uma lógica sequencial e/ou linear. A liberdade de expressão com o uso de diferentes linguagens seria a tônica na construção das histórias de vida que se daria em um segundo momento. Em seguida, construímos um “relicário coletivo”, onde apresentamos quem somos através de objetos que representam algo de valor afetivo para nós e que traduzisse um pouco do que somos.

Nos dois encontros seguintes construímos nosso panô⁵ coletivo, que teve como finalidade representar a construção da identidade grupal, a partir da representação da individualidade de cada participante. Para sua confecção realizamos a pintura e customização de retalhos de tecido de algodão cru. O mesmo foi finalizado em crochê pela avó de um dos participantes, ficando como um estandarte do grupo.

Na prática “preparamos o terreno” para o processo de biografização, o que se mostrou muito proveitoso, na medida em que as resistências psicológicas inerentes aos processos narrativos sobre si são inevitáveis mesmo entre jovens que já se conhecem. A fase exploratória também gerou grande expectativa nos jovens que se mantiveram ativos no grupo de discussão do *Whatsapp* expressando o desejo de iniciar o Círculo Reflexivo Biográfico.

A seguir, apresentamos um quadro-síntese das atividades desenvolvidas no processo de tessitura coletiva das histórias de vida:

Quadro 1 – Síntese das atividades vivenciadas no CRB

PRIMEIRO ENCONTRO
<p>► Acolhida – Dinâmica “Quem sou eu?”</p> <p>A partir de uma “releitura” do panô produzido na fase exploratória, cada participante destacou suas características pessoais e avaliou se mudaria algo daquela representação de si.</p> <p>► Presentificação – Dinâmica do elo.</p> <p>Cada participante escreveu, em uma tarjeta de cartolina, o que oferecia/trazia ao CRB e aos seus participantes. Destacamos a importância do que cada um trazia consigo e construímos uma “corrente” com o elo que cada um trouxe para o grupo. Refletimos sobre a importância de cada elo para a fortaleza da corrente.</p> <p>► Introdução à biografização – Relembramos os acordos de convivência firmados desde a fase exploratória e, a partir dele, elaboramos um “Acordo Biográfico”. Apresentação dos conceitos básicos do CRB e de sua dinâmica operacional.</p>

⁵ Painel decorativo, feito à mão.

► **Integração Experiencial** – Em círculo ao som de uma música de relaxamento, fizemos um exercício de olhar uns para os outros reconhecendo nossas singularidades e pluralidades, concentrando-nos nos sentimentos que nos motivavam a estar em grupo. Avaliamos nosso encontro a partir de um sentimento/expectativa sobre o CRB.

► **Lanche Coletivo**

SEGUNDO ENCONTRO

► **Acolhida** – Memória do encontro anterior: releitura dramatizada dos elos da corrente.

► **Presentificação** – Exercício de visualização/respiração.

Ao som de uma música para meditação fizemos um exercício de visualização, imaginando um lugar onde nos sentíssemos seguros e acolhidos. Visualizamos um caminho iluminado e com uma paisagem que transmitisse paz e serenidade. Ao chegar nesse lugar que consideramos seguro, encontramos alguém. Essa pessoa é de fato alguém de sua confiança e pela qual você nutre um carinho especial? Imaginamos tudo que ela representa e quais características ela possui para que a consideremos uma pessoa confiável. Pensamos em quais características cada um do grupo possui para que também possa ser considerado confiável para dividirmos sentimentos e pensamentos.

► **Biografização** – Leitura dinâmica/explicativa do Acordo Biográfico, esclarecendo dúvidas. Assinatura deste documento e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (Cada jovem recebeu cópias impressas de ambos).

► **Integração Experiencial** – De mãos dadas representando o elo da corrente que construímos, partilhamos quais sentimentos/dúvidas/ inquietações/ expectativas o CRB apresenta para nós.

► **Lanche Coletivo**

TERCEIRO ENCONTRO

► **Acolhida** – Memória dos encontros anteriores a partir de *flash em um momento de visualização*.

► **Presentificação** – Exercício de respiração ao som de uma música relaxante. Conversa sobre o processo de biografização.

► **Biografização** – Cada membro do grupo dispôs de 30 minutos para fazer sua narrativa de vida a partir da seguinte questão: “Como me tornei a pessoa que sou hoje?”

► **Integração Experiencial** – Cada participante expressou o que sentiu ao fazer sua narrativa e ao ouvir a narrativa de seus colegas através de uma palavra.

► **Lanche coletivo**

QUARTO ENCONTRO

► **Acolhida** – Acolhida aos presentes com a música do grupo Cidade Negra: “A Estrada”.

► **Presentificação** – Memória do encontro anterior a partir da fala dos participantes.

► **Biografização** – Audição e transcrição da narrativa oral. Início da revisão do texto, retirando vícios de linguagem, trechos que avaliam ser repetitivos ou desnecessários, completando informações, esclarecendo trechos que não ficaram suficientemente claros (Textualização).

► **Integração Experiencial** – A partir da leitura do texto transcrito de cada narrativa, os participantes escolheram uma frase que marcou sua narrativa ao escutar a si mesmo. Quais sentimentos emergiram? Quais reflexões suscitaram?

► **Lanche coletivo**

QUINTO ENCONTRO

► **Acolhida** – Memória dos encontros anteriores a partir de gestos que deveriam ser identificados pelos presentes.

► **Presentificação** – Leitura e reflexão do texto “Eu não sou você, você não é eu” de autoria da educadora Madalena Freire.

► **Biografização** – Colaboração narrativa.

Cada membro do grupo fez uma partilha de sua história de vida que está sendo construída, após a revisão individual já realizada no texto desde o último encontro. Em trios, os jovens fizeram o processo de “colaboração narrativa” que consistiu em aprimorar o texto, com a ajuda de um “olhar externo”, aspectos que são necessários (esclarecimento, aprofundamento e interpretação de alguns fatos, por exemplo).

► **Integração Experiencial** – A partir da leitura que foi feita do texto de Madalena Freire, em círculo, repetimos juntos uma das estrofes do poema que diz:

“Eu não sou você/ Você não é eu/ mas sou mais eu, quando consigo lhe ver, porque você me reflete/ No que já sou e no que quero vir a ser. Eu não sou você/ Você não é eu, mas somos um grupo, enquanto somos capazes de diferenciadamente eu ser eu, vivendo com você e você ser você vivendo comigo.”

**Pote das emoções:*

Entrada: *Como cheguei ao encontro de hoje?*

Saída: *Como saio do encontro de hoje?*

► **Almoço coletivo**

SEXTO ENCONTRO

► **Acolhida** – Acolhida aos presentes. Memória dos momentos mais marcantes do CRB com o uso do desenho.

► **Presentificação** – Dinâmica do nó.

Em círculo nos demos as mãos e “reconhecemos” quem está ao nosso lado direito e ao nosso lado esquerdo. Ao som de uma música ambiente andamos pela sala lentamente, olhando para cada um que estava presente e o acolhendo. Ao parar a música, demos novamente a mão direita para quem estava do nosso lado direito e a mão esquerda para quem estava ao nosso lado esquerdo, independente da posição que estavam na sala. Essa ação formou um emaranhado de mãos e braços, uma espécie de nó. Para desatar o nó foi necessário esforço grupal e concentração para buscar juntos a solução para aquele problema. Após o desatamento do nó refletimos: Em nossas vidas caminhamos sempre ao lado de pessoas, mas, como a caminhada exige movimento, podemos sentir dificuldades no caminho e precisamos de ajuda para desatar nós e voltar a caminhar. Algumas vezes o processo é solitário, mas, quando contamos com apoio, superamos muitos desafios.

► **Biografização** – Metáfora da árvore.

Cada membro do grupo fez a leitura da versão final da sua história de vida. Para chegar a esta versão houve, também, uma contribuição das pesquisadoras pois a linguagem escrita ainda causava medo naqueles jovens e, de certa forma, inibia sua expressividade. Com a ajuda dos colegas, cada um ao fazer a leitura de sua história de vida construiu a representação da árvore de sua vida, elegendo entre momentos, pessoas e sentimentos, os que são fundadores (raízes), fundantes (caule), resultantes (copa da árvore) de sua trajetória, ao final destacando seus planos e sonhos (abóbada celeste).

► **Integração Experiencial** – Partilha da experiência da construção da árvore e do texto final de sua história de vida.

**Pote das emoções:*

Entrada: *Como cheguei ao encontro de hoje?*

Saída: *Como saio do encontro de hoje?*

A história de vida de cada jovem foi analisada segunda a dinâmica metodológica da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003; MORAES e GALIAZZI, 2007) que compreende: unitarização (fragmentação do todo); categorização (estabelecimento de relações) e comunicação (das categorias emergentes surge um novo conhecimento). Nosso objetivo neste artigo não foi mostrar os resultados da análise, mas podemos informar, em grandes linhas, que identificamos: a reafirmação da dimensão autopoietica,

heurística e formativa das narrativas de si com o segmento juvenil; o papel decisivo na vida de cada jovem de alguns tutores de resiliência - amigos, familiares e líderes religiosos; a pequena importância atribuída aos programas governamentais de que participaram, em parte justificado pelas concepções menoristas que as presidem, além da fragmentação e descontinuidade.

Em síntese, o processo de biografização permitiu aos participantes desenvolver uma pesquisa sobre si, com destaque para os processos formativos, possibilitando um balanço sobre os principais fatores que se entrelaçaram para uma resposta resiliente propiciadora da reinstauração do desejo e capacidade para a elaboração de projetos de vida. As narrativas autobiográficas foram as configurações possíveis para aquele momento, pois os jovens não param de se instituir e continuam fazendo parte do Projeto Tear pensado com eles no início da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social**. 1ª ed. – São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

BARBOSA, M. F. **Experiência e narrativa**. Salvador: EDUFBA, 2003.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**: tradução, Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

BRASIL. Estatuto da juventude. Lei Federal nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm

BRASIL.. Estatuto do idoso. Lei Federal nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm

CYRULNIK, Boris; CABRAL, Sandra. Resiliência: ações para reinstauração de um futuro. In: COIMBRA, Renata M.; MORAES, Normanda A. de (Org). **A Resiliência em questão**: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. Formação e Socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, maio-ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. *In*: FINGER, Mathias (Org.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Pentaedro, 1988, p.XX-XX. Caderno de Formação 01.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GROPPO, Luís Antonio. **A juventude como categoria social**. *In*: Ensaio sobre Sociologia e História das juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2. ed. Natal: EdUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. *In*: ABRAÃO, Maria Helena Menna (Org.). **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPURS, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. São Paulo: Vozes, 1998.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la historia oral**: palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz**: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*: Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *In*: *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. O Círculo Reflexivo Biográfico como espaço privilegiado para a reflexão sobre a experiência religiosa espiritualizante. *In*: OLINDA, Ercília Maria Braga de (Org.). **Artes do fazer**: trajetórias de vida e formação. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Uma Santa na penumbra: Razões entrecruzadas para o isolamento da Beata Maria de Araújo na História e na prática pedagógica do ensino fundamental. **Tese** para professora titular. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. Histórias de vida produzidas em romaria: desafios, descobertas e (re)elaborações. *In*: OLINDA, Ercília Maria Braga de. GOLDBERG, Luciane G. **Pesquisa (auto)biográfica em educação: afetos e (trans)formações**. Fortaleza: EdUECE, 2017. Col. Práticas Educativas, p. 231-251.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; ARAÚJO, Alessandra Oliveira. Narrativas de vida tecidas na pesquisa com jovens a partir de procedimentos individuais e coletivos. *In*: DAMASCENO, Maria Nobre; SALES, Celecina de Maria Veras; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de Almeida (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa: formação e experiências**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. Revista *Análise Social*, vol. XXV (105-106), (1º, 2º), 1990, p.139-165

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Figuras Antropológicas da Mediação Biográfica**. Trabalho apresentado na mesa redonda “Pesquisa (Auto)Biográfica, epistemologia e prática de informação”. AFIRSE, Rio Grande do Norte, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 34, nº 2, maio/ago, 2011. p. 147-156.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Revista Roteiro**, Joaçaba, V.41, N.01, jan/abr, 2016, p. 67-86.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*. V. 32, n.2. São Paulo, 2006, p. 329 –343.

PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. **As Histórias de vida**. Natal: EDUFRN, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

YUNES, YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., 2003, p. 75-84.

SOBRE AS AUTORAS

ERCÍLIA MARIA BRAGA DE OLINDA. Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação.

ELISMÁRIA CATARIANA BARROS PINTO. Doutoranda em Educação pela UFC. Pedagoga do CRAS do município de Maracanaú/CE.

RECEBIDO 14/02/2019.

APROVADO 26/02/2019.